

Índice

I

As Estátuas	11
Os Monstros	18
A Sombra de Qualquer Coisa Que não Estava ali	23
Bençãos	30
Estados de Fuga	35
Inner Landscapes	48
Revenants	55
A Dançarina da Caixa de Música	61
O Quarto Vermelho	89
Being Jane Eyre	100

II

A Rosa	107
<i>Devil Take the Blue-Tail Fly</i>	110
<i>The Franchise Affair</i>	115
<i>He Who Whispers</i>	119
<i>Phantom Lady</i>	123
A Autora	129
Origem dos Textos	131

As Estátuas

Sempre tinham dormido juntos. Em quartos de hotel, em cabanas perto do mar, em comboios que atravessavam noites sem fim.

Mesmo no tempo em que ele ainda não sabia bem onde acabava o seu corpo e começava o dela, onde acabava o seu corpo e começava o mundo.

Adormecia com o som da máquina de escrever; e aprendera a ficar em silêncio quando ela se afundava num jardim, num museu, na escuridão de um cinema.

Folheavam os dois velhos livros com gravuras a preto-e-branco: barcos engolidos pelas vagas, anjos que subiam e desciam uma escada, o príncipe no castelo da Bela Adormecida, o Capuchinho Vermelho na cama com o lobo.

Por vezes, ela lia versos que o menino não entendia:

“E como está perturbado o ser que tem de voar
e provém dum seio.”

E contava-lhe histórias. Contos de fadas, sempre os mesmos, todas as noites.

Agora, tinham chegado a casa. Ela dissera-o quando parara o automóvel em frente do portão da quinta e lhe indicara o edifício branco entre as árvores.

O menino sentiu-se muito pequeno naquele mundo de escadas, cortinados de veludo e figuras de quadros. Pensou que queria ir embora, mas a mão dela agarrou a sua com firmeza.

— Chegámos a casa — disse de novo.

* * *

O quarto estava cheio de luz e de pó: uma cama antiga, cortinados de veludo azul e rosas vermelhas sobre a cómoda.

A mulher acabara de tomar banho e vagueava nua pelo quarto. Tinha uma beleza escultural. Os olhos muito verdes. O cabelo castanho, ainda húmido, caía-lhe pelas costas.

O menino parecia-se com ela. Os traços ainda indecisos, os olhos verdes ainda suaves.

— Mãe — disse.

Ela voltou-se.

— Sim.

— O meu cabelo vai ficar da cor do teu?

Ela riu. Estendeu o braço e a sua mão despenteou-lhe o cabelo louro.

— Já te disse que sim. Vai escurecer com os anos.

Ele fez a outra pergunta.

— Disseste que tínhamos chegado a casa. Foi daqui que nós saímos?

A mulher fitou-o por instantes, sem compreender. Depois riu de novo.

— Eu não sei de onde vim. Mas tu... vieste daqui.

A sua mão pousou no ventre liso.

— De dentro de ti?

— Sim.

Sentou-se à frente do espelho e começou a escovar o cabelo.

Ele ficou a olhar para o espelho, para o rosto branco e as rosas vermelhas.

Pensava saber tudo sobre a mãe. Conhecia o som dos seus passos, a sua forma de respirar, o seu rosto quando estava a dormir, o gesto com que atirava o cabelo para trás.

Mas não sabia que, como uma planta sai da terra húmida, ele tinha saído de dentro dela.

Era uma ideia estranha.

* * *

O jardim parecia-se com um labirinto.

Havia mundos de água: lagoas e ribeiros onde as flores e as folhas deslizavam misturando-se com o céu e as nuvens.

Árvores enormes que deviam ter milhares de anos.

Florestas de rododendros e camélias, onde a erva ficava coberta de flores vermelhas.

Um arbusto de flores brancas e perfume intenso que dava vontade de entrar lá dentro e comer as pétalas. A mãe dissera-lhe que era uma *Michelia*. Ela sabia o nome de todas as plantas; como sabia o nome de todos os livros, de todos os quadros, de todos os rios.

Foi no quinto dia que o menino descobriu o *Jardim dos Monstros*.

Ali as sebes estavam aparadas e tinham a forma de animais que ele não conhecia, nem mesmo dos livros.

Havia uma imensidade de flores diferentes, dentro e fora dos canteiros, algumas carnudas e vermelhas como bocas, outras pequeninas e frágeis. No centro, um poço com água azul e plantas que se enredavam umas nas outras. Perto da borda, uma pedra talhada com a forma de uma flor.

Entre os arbustos e as rochas dispostas simetricamente, ele encontrou as estátuas.

A primeira era a de uma menina com cabelo curto e um ar pensativo, e tinha mais ou menos a sua altura.

A outra estava quase escondida e parecia muito mais velha: a pedra branca revelava manchas do tempo. Era uma mulher ajoelhada, a cabeça reclinada no braço, o cabelo comprido. O rosto tinha qualquer coisa de familiar.

Ao lado, havia uma grande magnólia. As flores brancas começavam a abrir-se e um cheiro adocicado pairava no ar.

O menino sentou-se num banco. Estava cansado. Certificou-se de que ao longe, entre as árvores, se via um pouco da casa. Depois deixou-se adormecer.

Acordou com uma dor no braço e uma forte sensação de medo.

— Mãe — chamou instintivamente.

As sombras invadiam o jardim.

Pareceu-lhe ver um leve movimento da estátua branca. Como se só naquele momento voltasse à posição inicial.

Esfregou o braço. Ao longe, via-se uma luz entre as árvores. Começou a correr.

Só quando chegou ao alpendre, percebeu que tinha, acima do pulso, bem visíveis, as marcas de uns dentes.

* * *

Passara-se uma semana desde o dia em que estivera no *Jardim dos Monstros*. Mas sabia que tinha de voltar.

Quando se aproximou, tudo estava muito calmo. Dois ou três passarinhos saltitavam na erva.

O Sol iluminava o poço de forma octogonal, os arbustos, as pedras, as estátuas. A magnólia tinha-se transformado num mar de flores brancas.

Tirou o boné vermelho e deixou-o num banco.

Deu uma cambalhota, afugentando os pássaros que se perderam nas árvores.

Após uma pequena hesitação, entrou nos ramos da magnólia e começou a subir.

Em breve estava cercado de flores. Brancas, carnudas, algumas em botão, outras muito abertas. Olhou para cima e viu pedaços de céu azul e nuvens.

E então começou a sentir algo de estranho. Era como se fizesse parte da árvore. Estava mergulhado nela, nas flores brancas, no perfume. Compreendeu que não podia mover-se.

O tempo flutuava como as nuvens, como o sono. Mas houve um momento em que percebeu que tinha de fugir. Como um girino, nadou entre as pétalas húmidas, um pouco repulsivas.

Estava a afogar-se.

Inesperadamente, encontrou-se estendido no chão.

Olhou em volta, atordoado. O silêncio era absoluto, nem um assobio de água, de pássaros. E no banco, o rosto apoiado no braço, os olhos fechados, estava a mãe.

Ela abriu os olhos, que nunca tinham parecido tão verdes.

— Magoaste-te? — perguntou.

— Não.

— Vamos para casa?

— Está bem.

Pegou no boné vermelho e colocou-o na cabeça.

A mãe afastava-se já, por entre as sebes. O seu vestido branco, comprido, era quase transparente. O cabelo castanho, ondulado, brilhava ao sol.

Acordou a meio da noite.

Sentiu que ela não estava na cama. Nem no quarto.

Acendeu a luz da mesa-de-cabeceira.

Os cortinados de veludo azul, as rosas vermelhas, carnudas, duplicadas no espelho.

— Mãe — disse baixinho.